

Reflexões panorâmicas acerca da linguagem na educação básica numa Amazônia ancestral: a inquietude das pesquisas precisa reinventar o dispositivo escolar

Reflexiones panorámicas acerca del lenguaje en la educación básica en una Amazonia ancestral: la inquietud de las investigaciones necesita reinventar el dispositivo escolar

Marcos André Dantas da Cunha¹

Resumo: Este trabalho apresenta um panorama da pesquisa em linguagem na educação básica, delimitadas a uma orientação teórico-metodológica sobretudo da análise do discurso de vertente foucaultiana. O trabalho traz uma síntese reflexiva acerca de algumas propostas de pesquisa e práticas na escola, delimitando-se a problematizações que refletem acerca da espacialidade amazônica, ressaltando a identidade cultural amazônica paraense como modo de resistências à constituição do sistema escolar, funcionando este como dispositivo do poder colonial (instituindo de modo hegemônico os saberes ocidentalizados, focados numa cultura grafocêntrica, medida e classificatória). Assim, considerando-se as diferenças, os desalinhamentos que marcam as relações sócio-históricas atravessando a escola, reflexões se farão a partir dos trabalhos realizados. Os trabalhos orientados trazem propostas de práticas de pesquisa que apontam para a resistência do fazer docente ao alinhamento paradigmático que historicamente pautou a prática pedagógica do ensino.

Palavras-chave: Dispositivo; Escola Básica; Decolonialidade; Amazônia.

RESUMEN: Este trabajo presenta un panorama de la investigación en el lenguaje de la educación básica, delimitado a una orientación teórico-metodológica sobre todo el análisis del discurso de la perspectiva foucaultiana. El trabajo trae una síntesis reflexiva acerca de algunas propuestas de pesquisa y prácticas en la escuela, delimitado a problematizaciones que reflejan acerca de la espacialidad amazónica, resaltando una identidad cultural amazónica paraense como modo de resistencia a la constitución del sistema escolar, que a la vez funciona como dispositivo del poder colonial (instituido de modo hegemónico los saberes occidentalizados, direcccionados en una cultura grafocéntrica, medida y clasificatoria). Así, considerando las diferencias, los desalineamientos que marcan las relaciones sociohistóricas que cruzan la escuela, las reflexiones se alejan de los trabajos realizados. Los trabajos orientados traen propuestas de prácticas de investigación que apuntan para la resistencia del hacer docente al alineamiento paradigmático que históricamente ha pautado la práctica pedagógica de la enseñanza.

Palabras clave: Dispositivo; Escuela básica; Decolonialidad; Amazonía.

Por entre saber/poder: os dispositivos e as heterotopias de resistência

Todo o poder, por mais que se busque absolutista, realiza-se na diferença. A escola brasileira, amazônica, ainda que marcada pelas diferenças, pela presença de sujeitos atravessados pela oralidade, por uma prática discursiva que deveria operacionalizar saberes mais pelo corpo, pela palavra falada, se mantém distante das identidades; ainda privilegiando uma posição discursiva centrada na cultura grafocêntrica. Porém, as oralidades constituidoras de saberes se imprimem nas enunciações que estão para além da escola, as quais na maioria dos casos não são reconhecidas.

¹ Doutor em Linguística pela Unesp/Araraquara. Docente da Universidade Federal do Pará - UFPA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0195316299643772>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-3923-616X>. E-mail: madc@ufpa.br

Com Foucault (2008) mobilizamos uma concepção de poder caracterizada pela fragmentação, que, embora movente, não deixa de apresentar espaços mais efetivos de sua localização na diversidade das diferenças dos espaços sociais. Assim, por esta compreensão do poder, as relações vão se complexizando, e tomar o poder não é algo que se possa realmente se fazer possível. Então, os jogos de poder operam-se de modo alinear, em curvas e dissensões, em repetições, retomadas e dispersões.

Nesse caso, referindo-se à movência, à dificuldade de se lidar com os mecanismos do poder, nos diz Foucault (2008b, p.113): “[...] não poderemos nos ater unicamente à análise dos aparelhos do Estado. [...] o poder em seu exercício vai muito mais longe, passa por canais muito mais sutis, é muito mais ambíguo, porque cada um de nós é, no fundo, titular de um certo poder e, por isso, veicula o poder”. Justamente, refletindo acerca dos caminhos contraditórios, paradoxais aos quais o poder se tece em vários espaços sociais, busquemos compreender como a linguagem/ os discursos se movimentam nas pesquisas voltadas para o ensino em salas de aulas da educação básica. Isso, a partir da análise panorâmica dos discursos dos sujeitos, considerando-se a dispersão do poder, pois ora alguém é tomado pelo poder, ora alguém gerencia uma ordem do poder; ora simultaneamente em distintas posições alguém sofre e exerce o poder vigente, ou seja, numa fragmentação.

O sistema escolar – mesmo que se apresente com muitas outras possibilidades de atenuação –, ao reunir sujeitos de diferentes espaços sociais, surge com um objetivo uniformizador, promovedor de hegemonias, instituidor da ascensão social. Essa ascensão pode significar o acúmulo de capital, numa sociedade caracterizada pela manipulação da natureza em propriedade, um caminho de prosperidade, alinhado a uma visão de meritocracia.

Referindo-se às relações de poder, pode-se falar acerca dos embates que constituem as práticas discursivas. Assim se diz, “Nesse sentido, há “práticas divergentes” que disciplinam as atitudes dos indivíduos. Tem-se um sujeito constituindo-se no embate dessas microrrelações de poder (Gregolin, 2004a, p. 55). Nessa relação entre saber e poder, aborda-se a governamentalidade em Foucault, “essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança” (Oliveira, 2020, p.2).

A escola se constitui como um privilegiado tecido de instituição do poder, um modo eficiente de operar diante de pequenos coletivos em uma sala de aula, e maiores espaços, talvez mais adensados como o da sociedade. Nas escolas, os sujeitos são persuadidos a buscarem-nas como um espaço de conquista de uma possível e anunciada/enunciada liberdade. Os corpos são taticamente controlados pela arquitetura das salas de aulas em que as carteiras se dispõem em hierarquia, por onde os alunos são levados a focalizarem o professor como aquele que detém o saber. Dessa maneira, percebe-se a escola como efetivação de um modo de saber o mundo, de reconhecer a realidade a partir de delimitação de poder mais efetivamente comprometida com a tradição hegemônica do privilégio.

Desse modo, na relação implicada entre saber e poder se focaliza a escola, considerando-a como um espaço que ao se instituir como saber simultaneamente se faz poder; podemos a partir das noções de arqueologia e genealogia em Foucault, discutir a noção de arquegenealogia. Não seria o poder que se confere ao saber, mas poderia ser o fato de o próprio discurso já se realizar enquanto saber como modo de exercer-se poder.

Foucault trata primeiramente da arqueologia uma visão que esquadriinha o saber em diversas camadas: o saber não se constituiria somente numa limitada perspectiva, poderia aparecer sobreposto. Ou seja, os saberes são condicionados e tensionados por uma série de variáveis temporais e espaciais. Na arqueologia teríamos o saber como objeto do mundo. Esses diversos saberes ocupariam posições no mundo. As posições apontam para relações de hierarquizações.

Então, a relação entre saber e poder confere capilaridade à escola, ou seja, a escola é um espaço potencial de relações de objetividade e subjetividade. Essa relação nos faz buscarmos na obra foucaultiana o conceito de arqueogenealogia. Pela arqueogenealogia teríamos simultaneamente tanto um distanciamento objetivo do objeto, do discurso a ser investigado; quanto uma prática tomada do discurso “que parte do interior das práticas discursivas e culturais” (Ferreira; Paixão; Oliveira, 2022, p. 3) não separando a objetividade da subjetividade, tomando a posição como ponto de partida do lugar que o discurso, que os saberes irão se constituir.

Isso ressaltando-se a implicação entre os modos de se realizar a escola e o exercício contínuo da pergunta, da problematização de uma escola em práticas de questionamentos. Assim, teríamos uma relação de implicação não exatamente do

discurso para o poder, dos saberes para os poderes, mas dos poderes, do poder para o saber “as práticas discursivas podem ser tomadas como estratégias de governamentalidade, a ordem do discurso passa a ser compreendida também como processos de normalização [...], as políticas que envolvem o corpo ganham centralidade nas análises dos enunciados” (Neves; Gregolin, 2021, p. 11).

Dos trajetos metodológicos em torno de pesquisas

Temos neste exercício reflexivo a busca de uma posição atenta, de se olhar, espreitar as similaridades e diferenças, daí se focalizar os discursos que não se fazem hegemônicos na escola. Então, trazer os sujeitos alunos para práticas que questionam os saberes ressaltados como paradigmas. Desse modo, realçando-se os saberes que se colocam como dispensáveis, que geralmente ocupam posições periféricas na escola². É preciso buscar colocar em destaque tudo que traz como foco os corpos ainda negligenciados ou mesmo silenciados na escola, mas é necessário buscar o paradoxo da diferença incômoda:

Pensando a genealogia dos saberes, Foucault se aproxima da temática da insurreição dos saberes dominados. Por meio da hierarquização dos saberes, apresentam-se dois entendimentos do que sejam saberes dominados: “[...] blocos de saber histórico que estavam presentes e mascarados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos [...] uma série de saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados” (Foucault, 2007, p. 170).

Na delimitação dos estudos discursivos foucaultianos, considera-se ainda uma visão hierárquica dos discursos colocados enquanto minorias arregimentadas por uma normalização de perspectivas hegemônicas. Nesse movimento reconhece-se a diversidade, a série que tende a não ser realçada. Há um outro que destrona o eu, que coloca esse eu em cheque. Esse diferente que foge ao controle do si pelo si mesmo; coloca em problemática esse eu. Nesse sentido, a escola marca-se como um espaço que vai protocolar de maneira sistemática os saberes que roteirizam uma visão de mundo, vai

² Este artigo resulta de uma fala realizada no LETRASVIVAZZ (I Encontro dos Egressos do Projeto das UFPA-2022) e retomada no I Congresso Panamazônico dos Professores da Educação Básica-1º CLLIMAZ/LETRASVIVAZZ/ eventos de grande porte financiado pelo PAEP/CAPES, reunindo mais de mil participantes entre professores da educação básica da Amazônia e pesquisadores da Panamazônia (Amazônia brasileira, peruana e colombiana), do Brasil e Chile. Evento engendrado no tripé Linguagens/Humanidades, Responsabilidade climática/ambiental e Educação básica.

ser representativa de um outro que, além de representar uma dinâmica de poder de uma ordem mais oficial, traz à tona uma série de ordens vigentes.

O poder estatal se faz delineado pelo poder econômico, marcado pelo poder que ditas as leis, que institui os mecanismos de vigilância, em que as subjetividades e singularidades devem se tornar mais enunciadas e visibilizadas. Sobre esse papel da instituição escolar como fomentação do poder mais vigente, busquemos com Agamben (2009, p. 40) a noção de dispositivo, “[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões dos seres viventes”. Esse autor parece ampliar mais, o já largo e complexo conceito foucaultiano. Além de delimitá-lo pelas características, pelas operações, mais do que pelos meios, espécies de substâncias aos quais se instituem:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 2000, p. 244).

Ainda que a escola possa ser enunciada, se configurar como um espaço de resistências das minorias de algum modo, podendo resultar numa mobilidade daqueles que estão às margens; pouco muda a ordem do acúmulo desigual e mesmo violento numa sociedade historicamente organizada para a manutenção do capital. Uma sociedade que aponta a priorização de uma formação que dicotomiza o racional, o intelecto do humanístico, do artístico, da empatia de relações mais coletivizadas.

Parece que temos ainda uma escola que pouca vazão dá para a diversidade, mesmo apontando para o individual, como se fosse o singular, o diverso, encara o individual (pela ótica do individualismo), subalternizado pelos ditames do consumo. Neste trabalho fazemos o exercício da reflexão teórica em torno de práticas metodológicas que delinearemos de modo panorâmico em algumas experiências de pesquisa-ação em escolas amazônicas; experiências a partir da reflexão de uma prática, resultante da constatação da necessidade de se focar nas singularidades amazônicas. A busca de operações metodológicas que ressaltem os saberes que focalizem as experiências culturais tendem a apontar para uma ancestralidade amazônica.

Acerca de uma racionalidade científica que separa o ser humano da natureza, a razão da emoção, registre-se que isto se verifica não somente no domínio da educação ocidentalizada para os não indígenas, os que tem na educação escolar seu centro geracional; como também se espraia na implementação de uma escola dirigida aos indígenas brasileiros, amazônicos. Sobre isso nos fala Baniwa (2019, p.3):

A ciência ocidental induz os estudantes indígenas ao exercício de isolamento do homem do mundo e da natureza, ainda que como estratégia metodológica e isso provoca profundos dilemas existenciais, cosmológicos e epistemológicos aos indígenas que acreditam e se sentem membros inseparáveis e interdependentes da natureza cósmica.

Então, pela dicotomização dos sujeitos humanos relativa à natureza, acaba-se por implementar uma agenda que planifica as diferenças e reconhece relações contínuas, previsíveis, onde o novo, o descontínuo, a imprevisibilidade, a possibilidade da criatividade geralmente é pouco convocada, mesmo quando exerce algum modo de presença, se faz coadjuvante. Embora devamos reconhecer os conhecimentos metrificados, delimitados a abstração, difundidos pela tradição ocidental, estes que são determinados pela cultura escrita. A necessidade premente é que seja bem mais além.

Assim ainda que se deva considerar “a importância histórica das grandiosas conquistas do conhecimento humano do ocidente europeu para toda a humanidade” (Baniwa, 2019, p.4), é preciso levar em consideração, numa posição de alteridade necessária para a sobrevivência humana que tais conhecimentos “não são os mais verdadeiros ou superiores e não são os únicos a produzirem tais proezas humanas no mundo”, conforme Baniwa (2019, op. cit., p.4)

Numa leitura discursiva, intercruzada do espaço amazônico com o espaço escolar, podemos buscar a noção de heterotopia foucaultiana. “Utopias são sítios sem lugar real, que possuem relação de analogia direta ou indireta com o espaço real da sociedade” (Foucault *apud* Pires & Meireles, 2024). A escola pode se realizar tanto enquanto um lugar outro que pode se distanciar da vivência cotidiana para sobrepujá-la, apreendê-la, ou refleti-la; quanto a Amazônia pode se efetivar como esse lugar outro que se coloca distante, exótico, primitivo de civilidade, ou o éden sagrado, mesmo pode surgir como o infindável fosso para a extração de riquezas. Então, nesse espaço outro em Foucault, pode-se tomar a Amazônia e as escolas. Como se apreende como se pode apreender o espaço amazônico pela escola? Questões que nos interessam nessa reflexão.

Na escola ocupada em possibilitar uma ascensão social na ordem proeminente capitalista há sempre uma falta que tende a ser profunda e que movimenta o anseio dilacerado do acúmulo. Por uma prática arqueogenética pode-se simultaneamente perceber os mecanismos de poder, que tendem a ter na escola a operacionalização de uma ordem do poder quanto ir-se compreendendo os saberes em disposição no espaço escolar, no caso de uma escola amazônica. A escola amazônica, indígena, mesmo que possa ser resistência, como dissemos, traz ainda que de maneira camouflada, um ideário de mundo constituinte de sua história majoritária, tendo na escrita e na promoção das mentalidades que se distanciam dos corpos, sua âncora delineadora.

Sobre isso, vimos “[...] que jamais seja possível assinalar, na ordem do discurso, a irrupção de um acontecimento verdadeiro [...] que além de qualquer começo aparente há sempre uma origem secreta, que jamais poderemos nos reapoderar inteiramente.” (Foucault, 2008a, p. 27). Mas a defesa nefastamente secreta de uma ordem à narrativa de um viver, ainda que traga acentos vividos de um passado, aventura-se no presente, lutando-se para que as enunciações possam acontecer nas frestas, conforme nos chama atenção também Foucault (2008a, p. 28): “Todo discurso manifesto repousaria secretamente num já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um jamais-dito.”

Mesmo que marcada pela diferença, outras tecnologias mantêm-se na escola atual. Pensando-se nessas tecnologias em grande parte comprometida com a priorização de determinados saberes, diríamos, mais do que se priorizar determinados saberes, a escola desvaloriza ou nega outras formas de saber, que nos parecem cada vez mais necessários, mesmo para a sobrevivência humana, ou seja, para a manutenção saudável da vida humana sobre a terra. Isso por outras atitudes relativas à natureza, no caso da Amazônia, ao modo de lidar do ser e fazer-se ser na floresta.

A Amazônia: outros dizeres para a escola

Trazemos algumas intervenções no processo de ensino aprendizagem de escolas delimitadas aos espaços paraenses. Ao se tratar da educação na Amazônia deve-se buscar encampar as identidades, a estética de um corpo, de corpos que se circunscrevem aos biomas, não seguindo as linhas hierárquicas da natureza como serva, da negação das relações inclusivas, dos distanciamentos da presença respiratória do espaço. Nossas

enunciações aqui se farão a partir de uma compreensão que se tonifica numa concepção embalada nos saberes ancestrais amazônicos, tecidos numa oralidade que faz o corpo ser linguagem que se compartilha com o bioma que é a floresta.

Então, nesse sentido, falar das sociedades indígenas é buscar o que se chama de Bem viver. Entre algumas perspectivas do que seria o Bem viver, conceito que poderia ser relacionado a três perspectivas, não excludentes, mas com delimitações, a indigenista e pachamamista, a socialista/estadista e segundo Alcântara e Sampaio (2017, p.4)

[...] a corrente post-desenvolvimentista e ecologista, caracterizada por relevância que se dá a construção participativa do Bem Viver, com a inclusão de aportes indigenistas [...] Falam do Bem Viver como uma alternativa ao desenvolvimento, como uma utopia em construção

Ressalte-se talvez a possível viabilidade desta visão, o que se pode chamar de sustentabilidade.

Trajetos de pesquisas com sujeitos: para uma escola outra

Neste trabalho, propomos dialogar com algumas experiências de pesquisa voltadas para o ensino da linguagem na educação básica, exercitando-se uma fala de resistência. Fazemos um passeio por essas vozes num processo de identificação com tais enunciados, que também se fazem nossos. Fazendo um trajeto em torno das enunciações dos sujeitos estudantes que tratam do Pará: “O povo paraense é um povo cheio de cultura, músicas, comidas, estilos e jeitos os identificam. [...] A identidade paraense é composta por vários ritmos, costumes e jeitos é uma cultura um pouco diferente e ao mesmo tempo normal porque é todo misturado”. (Fernandes, 2018, p. 85)

O sujeito estudante demonstra a dimensão singular dos ritmos marcados pelo ecletismo. Fica ressaltada na enunciação do sujeito a inter-relação entre as linguagens, isso quando diz que as letras e a dança ‘falam’. Os dizeres dos estudantes constroem em sala de aula, enunciados que resistem à ordem vigente, colocando em outros espaços, a escola que tende a se pautar na cultura hegemônica, que em matéria do Brasil, ainda se concentra no centro sul, e naquilo que aparece mais sistematicamente enunciado pela mídia.

No caso da pesquisa que aborda as mulheres escalpeladas, há toda uma situação sócio-histórica, o fato de ser mulher, ser moradora das margens de rios paraenses e

necessitar fazer a mobilidade diária em embarcações não salubres em canoas motorizadas (com motor descoberto), na maioria das vezes em busca da educação formal.

Ressalte-se a identidade étnica que aponta para o preconceito e o estado de condições históricas que possibilitam o acidente e lhes impõe sequelas físicas e de auto estima irreparáveis. A condição histórica de serem mulheres de cabelos longos, um traço da condição amazônica, étnica, muitas vezes indígenas “o anúncio fala do escalpelamento e de que devemos evitar todo tipo de jeito pra não sofre esse acidente afinal como fala o anuncio estamos todos no mesmo barco e devemos proteger não só a nós mais todas as pessoas em nossos meios (aluna 35).” (Neri, 2018, p. 145)

Trazemos, em seguida, nosso exercício de reflexivo, a memória do presente de uma estudante da EJA do município de Portel no Marajó:

Quando eu comecei a estudar, tinha sete anos de idade, quando ainda morava no interior. Lembro do meu primeiro dia de aula, eu ia numa canoa para a escola. Cheguei ao porto e, quando eu ia subir, caí na água. Foi uma vergonha, todos riram, justo no primeiro dia. Naquele dia não estudei de tanta vergonha (estudante V.B.P) (Baia, 2020, p.114)

A realização dessa enunciação apresenta uma relação de reconhecimento por outros estudantes. A mobilidade dos estudantes moradores do interior, geralmente quando residiam fora da sede, era de canoa. Nesse caso o sentimento de ‘vergonha’ por parte diante da queda da canoa, aponta simultaneamente para uma identidade de mobilidade em canoa quanto a insalubridade que isso pode representar. Também uma temporalidade singular dos moradores de margens ribeirinhas na Amazônia marajoara.

Vejamos agora a estudante Valentina (nome fictício) “Não frequento festas de aparelhagem nem bailes da saudade, porém diariamente estamos sendo expostos com o tecnobrega graças aos carros de som, ao vizinho, na rádio, e em outros lugares pois é um ritmo paraense”.

Vimos na enunciação dessa estudante a presença de uma cultura que se espalha por Belém, sendo representativa da periferia da capital, isto embora seja indicado pela presença de sons automotivos talvez mais identificados com a periferia, cada vez mais se mostra representativo de diversas localizações da cidade, nos postos de combustíveis, nas vias intermediárias entre o centro e a cidade. A estudante é aluna de uma escola localizada numa via central, acessível a inúmeras linhas de ônibus da cidade de Belém.

A chuva se faz um fenômeno metereológico que provoca inundações e vários acidentes, incidentes numa urbanidade que historicamente não foi em sua arquitetura pensada para seu escoamento. Onde o aprisionamento, o aterrramento dos rios impediu o fluxo da água de modo mais natural e fluído. O modo como os rios são tratados na Amazônia violenta o caminho das águas. Ainda a chuva encarna Belém em texturas, cheiros e sabores, segundo a voz de uma estudante: “A cidade fica brilhante e linda” (Santiago, 2020, p. 123).

Finalmente vejamos as enunciações dos meninos do Rio Canaticu no município de Curralinho no Pará: “Manoel era pescador criança Seu sonho sempre pois viver no mar por isso se tornou marinheiro” (Mario, 6º ano) (Lopes, 2023, p.99)

Entre as relações do que vem de fora e da identidade mais próxima de sua realidade, vimos a enunciação delimitando o pescador e o marinheiro. Nesse movimento se estabelece o tensionamento entre uma identidade circunscrita ao espaço e a identidade de todo um movimento que pode retratar a colonização. Mas o marinheiro não é somente o colonizador, faz-se aquele que se circunstancializa entre a floresta, os rios e o mar, ou mesmo o mar que é rio.

Sujeitos que gritam uma fala da inquietude

É preciso trazer uma fala que não seja de um passado, não seja de um futuro, não seja de um presente, mas se constitui numa temporalidade do ilimitável. Por isso não deixa de ser das planejadas arquiteturas de nossos suntuosos prédios religiosos e culturais, processos sub-humanos da força de trabalho daqueles corpos quase sempre alijados de brilharem seus olhos, cantarem suas vozes; celebrarem seus ritos ancestrais de uma linguagem, oralidade em que o corpo se fez inteireza. Pela nova história temos o passado no presente. Isso a partir de uma educação escolar que invisibiliza os corpos e o espaço, mas que deve trazê-lo à tona.

Nesse embate necessário para pensar outras temporalidades, um tempo necessário e pendente de um espaço que se deve preservar. Uma temporalidade em que se verificam a fluidez dos sentidos, o movimento das perspectivas que cortam as estruturas sólidas de uma epistemologia ocidental marcada por um conjunto de práticas e interesses. Assim, que age por separar o homem da natureza, colocando-se acima dela como dominador, consumidor ou “predador”.

Penso numa temporalidade submetida aos lugares estabelecidos e ainda materializados pelo milho que não é pão, mas ainda é lugar de castigo. A escola voa, transcende, vocaciona o mito humano, mas ainda é majoritariamente disciplina em seus dispositivos, na regência determinada de uma ordem de poder negada de lucidez. Mas ainda na ousadia da crise do insólito, não se negue: a escola é respiração de sons em diferenças, a escola é pororoca da floresta trazendo a inquietude dos corpos da mata densa. Para quem não sabe, a escola é força de maresia pelos furos de rios e igarapés que se confrontam, se tensionam com o projeto de urbanidade e negação dos saberes dos povos originários.

A escola ainda funciona pela sanção, pela ênfase no mérito, na recompensa, por ela se hierarquizam os sujeitos, se efetivam valorações do trabalho que fragmentam corpo e mente, centrada na cultura da escrita, delimitada pelo grafocentrismo. A escola coloca o lugar do fazer em posição de subalternidade. O espaço de quem pensa e planeja subalterniza os corpos que fazem. Por essa escola esses sujeitos devem continuar fazendo, distantes das decisões e dos pensamentos que se fazem abstratos. Os sujeitos que operam o trabalho, devem se fazer mecanizados em atitudes que se repetem ao acaso.

A escola é possibilidade do argumento que não precisa ser lido no dissertado, pode ser descoberto no embalo do ritmo que sintetiza o caribe e sons que dizem numa morfologia aquilo possível de ser performatizado. A linguagem em sons que significam sem serem linguísticos e que falam a pele e aos poros. A escola é espaço metonímico, potente, da metáfora criativa que amplia os mundos pela linguagem. É estranhamento dos sentidos. Constatação inevitável de que a contemplação é a leitura que promove a presença do espetáculo de nossas ancestralidades que somos. Ainda que nos abandonamos em nossas construídas regências internas. Numa escola que se mergulha límpida e distante, ainda seríamos os imperadores de nossas salas? Nossas vozes ainda corporificam os dizeres das capitâncias?

Não, a escola não é o lugar do convencimento, a partilha do pão na escola deve se fazer provocadora de paladares singularizados pelos sujeitos que são históricos e daí se repetem em seus saberes, mas também se desconfortam e buscam. A escola é a argúcia de ver o figurativo no temático: o corpo se deixa falar.

Assumamos vez por outras; vez por outra; quase sempre o olhar dos nossos alunos meninos que vêm dos asfaltos dilapidados de nossas metrópoles ribeiras; que se

enfileiram em nossos furos, igarapés soterrados. Esses sujeitos já trazem nos tecidos de seus corpos, de seu sangue vermelho, de seus olhos a linguagem que ainda muito a escola não aprendeu.

Os meninos e meninas do rio Canaticu de Curralinho no Marajó sabem falar do matapi e usar a peconha e encontram-se identificados nos jogos de outras margens distantes; as meninas indígenas resistentes das águas do Tocantins escalpeladas pelos motores desumanizados não deixam da luta em novas paragens de vozes que carregam no corpo as vozes de mutilação. Os garotos e garotas da cidade Mairi, a cidade do império e das tensões cabanas; continuam na ‘peleja’ diária’ de uma mobilidade urbana sofrida do caldeirão.

Trazemos posicionamentos discursivos que se instauram no lugar das diferenças, nos espaços de não se estranhar os discursos que se constituem para fazer ser voz aquilo que aparece como acidente de dizer. É preciso pensar a escola como um espaço de privilegiamento das identidades, que os saberes ancestrais possam ser mais considerados. Pensar numa mais singular escola atenta às identidades amazônicas. Isso não deve significar uma visão purista que não corresponda à perspectiva dos analistas do discurso.

Pense-se nos discursos o jogo tensionado das letras que se mobilizam em textos que se fazem tecidos em ecos de intertextualidade. As enunciações de nossos homens do além-atlântico, mas em muito carentes, insensíveis e nefastos da sensibilidade relativo às singularidades amazônicas.

Assim, não se deixe calar o firmamento das estrelas que falam, enunciam pelo grande acontecimento inevitável de comprometimento com a vida, que não pode ser dispensado para que em outras brevidades nossos pulmões não peçam mais socorro de afogamento (tal como a Pandemia Covid-19). A Amazônia é sim um brinquedo de miriti com a sutil delicadeza de quem pode garantir a vida.

Então, venham com a escola, venham com o acontecimento da diferença, dos silêncios das senzalas, venham com a dança dos pajés. Venham com os saberes que se tensionam nas diferenças, nas palavras grafadas do além-mar. Venham fazerem-se encontrar no desafio problematizador da escrita que não se pode fazer hiato de nossos corpos em diferenças. Venham e deixem o sol ardente brilhar em profusão de sementes de nossos trópicos úmidos, aparecer altivo, iluminando as samaumeiras suntuosas da floresta cobiçada e saqueada dos saqueadores inescrupulosos.

A escola vai e vem, vai e vem, no ritmo de nossas marés sempre desejoso de enunciações, onde os sujeitos estarão dispostos aos movimentos em inscritos e inscrições de saberes e possibilidades.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AGUIRE ROJAS, C. A. *A história da civilização latino-americana*. In: LOPES, M. A. (org.). Fernand Braudel: Tempo e história. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.
- ALCÂNTARA, L.C.S; SAMPAIO, C.A.C. *Bem viver: uma perspectiva (des)colonial das comunidades indígenas. Rupturas. Revista do Sistema de Informacionan Cultural da Universidade Estatal a Distância da Costa Rica*. San Pedro de Monte de Oca, volume 7, n. 2, 2017.
- ARAÚJO, Antônio Aprígio Fernandes de. *A argumentação no discurso de sujeitos alunos do ensino fundamental: a construção de identidade regional mediada pelo gênero canção nos estilos Musica Popular Paraense e Tecnobrega*. Dissertação de Mestrado. Profletras-Ufpa, Belém, 2019.
- BAIA, Jacira da C. *Leitura numa perspectiva discursiva e memórias de sujeitos - o tempo do presente- em Portel Pará*. Profletras-Ufpa. Belém, 2020.
- BANIWA, G. Educação para o manejo do mundo. *Revista Articulando e Construindo saberes. Revista da UFG*, Goiânia, v. 4, 2019.
- CUNHA, M. *Tão longe, tão perto: a identidade paraense construída na mídia do sudeste brasileiro*. Tese de doutorado: Unesp-Araraquara, São Paulo, 2011.
- FERREIRA, Michel de Vilhena, PAIXÃO, Carlos José & OLIVEIRA, Damião Oliveira. Elementos de linguagem e arqueogenealogia em Michel Foucault. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 53, n. 2, p. 85-99, maio-ago., 2022.
- FOUCAULT, M. Sobre a História da sexualidade. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*. 17. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2008b.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 24. ed. São Paulo: Ed. Graal, 2007.
- GREGOLIN, M. R. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.
- LOPES, R. dos S. *Jogos de RPG na mediação educacional: uma analise discursiva sobre a identidade cultural em uma escola ribeirinha marajoara, no rio Canaticu, em Curralinho – Pará*. Profletras-Ufpa. Belém, 2022.
- NERI, T.F. *Propaganda de violência simbólica-regional contra a mulher: discurso e identidade na escola*. Dissertação de Mestrado. Profletras-Ufpa. Belém, 2019.

- NEVES, I & GREGOLIN, M.R. A arqueogenetologia foucaultiana como lente para a análise do governo da língua portuguesa no Brasil: continuidades e disrupções. *Moara. Revista da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. PPGL. UFPa.* Belém, volume 2, número 57, 2021.
- OLIVEIRA, L. S. O conceito de governamentalidade em Michel Foucault. *Itaca. Revista dos Discentes da Pós-Graduação em Filosofia. UFRJ.* Rio de Janeiro, n. 34, p. 48-72, 2019.
- PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* Trad. Bethânia S. Mariani... et al. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1983, p. 311-318.
- PIRES, F. C. V. & MEIRELES, I. A(s) heterotopia(s) de Foucault: análise de um conceito interrompido. *POIESIS. Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da UFF.* Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, 2024.
- SANTIAGO, M. do C. da S. *Discursos e identidade regional: práticas de letramento sobre os rios, a chuva e os ritmos do Pará.* Dissertação de Mestrado. Profletras-Ufpa. Belém, 2020.